

Nova onda de Covid-19 na Europa e na Ásia deve servir de alerta para o Brasil

Págs. 14 a 16

Explosão em Subestação I da Coelba deixou Brumado sem energia por mais de 15 horas

(FOTO: REPRODUÇÃO/REDES SOCIAIS).

Pág. 20

Audiência Pública avalia metas do Plano Municipal de Educação em Carinhanha

Pág. 12

ARTIGO



POR JUAREZ ALVARENGA

JUAREZ ALVARENGA - ADVOGADO E ESCRITOR - JUAREZALVARENGACRU@GMAIL.COM

ESPÍRITO DE ÉPOCA

A conjuntura da sociedade é variável com o tempo, quanto mais antiga, menor é a dinâmica social. O que antigamente gastava cem anos para mudar, hoje, se transforma em cinco anos, em toda seara do conhecimento humano.

Cada tempo tem seu estigma social que chamamos de espírito de época.

Na década de trinta tínhamos as ditaduras. O fascismo na Itália, o salazarismo em Portugal e o franquismo na Espanha. E no resto do mundo os sistemas fortes eram o modismo da época.

Atualmente na América Latina, temos o populismo que parece estar em estado terminal.

Passando a análise, para os grotões percebemos que as mudanças são ainda mais lentas.

Das capitânicas hereditárias, até o fim do século XX, o modismo durou dando a impressão que era eterna.

Até então, em pleno século XXI, a metamorfose foi profunda e significativa.

A aristocracia rural, acostumada com excessiva generosidade social e com a quase eternização no poder, passou várias gerações no ápice da pirâmide. **ESQUECEU QUE A ERA DAS DÁVIVAS ESTAVA NO FIM E QUE O MUNDO ATUAL É DAS ERAS DAS CONQUISTAS.**

Hoje, percebemos que a corrida para o poder tem novo perfil.

A aristocracia rural, antigamente que começava a corrida pelo meio, na atualidade, tem que começar a disputa pela igualdade de condições. Sem contar com a substancial evolução do povo.

Aqui em Coqueiral, percebemos um fenômeno sociológico novo. O povo subiu, significativamente, e as elites desceram notoriamente nivelando a sociedade.

A aristocracia rural tem como única alternativa o saudosismo, pois ressuscitar o passado é uma tarefa quase impossível. O quadro é outro e a realidade é outra. Terá resistência consistente, pois a mesma sociedade, que no passado o idolatrou, hoje com a evolução é hostil a sua seletiva visão vivencial.

O espírito de época atual é mais democrático e sem senhores vitalícios. A sociedade contemporânea, não tem donos, como antigamente e sim conquistadores. O direito da igualdade deixou de ser formal para ser real.

As oportunidades estão em aberto possível a qualquer um transformar em êxitos.

O espírito de época moderno é circunstancialmente democrático. Não estigmatiza o indivíduo pelo nascimento, como antigamente, e sim pela sua desenvoltura dentro da sociedade.

Hoje, a sociedade libertou de suas rígidas visões e a moderna tem duração efêmera.

A sociedade estática, excessivamente conservadora e tradicional do passado foi extinta.

Hoje, sim temos modismo efêmero e a única coisa que parece que eternizou é não a volta ao passado de privilégios gratuitos.

A dinâmica da sociedade é excessivamente acelerada e o espírito de época é quase de duração do embrião natimorto.

OBSERVAÇÃO: *Os artigos publicados não traduzem a opinião do Jornal do Sudoeste. Sua publicação tem como objetivo estimular o debate de ideias no âmbito político, cultural, científico e social.*



SIGA-NOS
nas **REDES-SOCIAIS**

JORNALDOSUDOESTE

(77) 9 9804-5635



Facebook



Instagram



Twitter



YouTube



Whatsapp

USAR MÁSCARAS

É UM ATO DE **RESPEITO**
AO PRÓXIMO.
É **AMOR À VIDA!**



FOTO: MARCELLO CASAL JR./AGÊNCIA BRASIL



CAMPANHA ALERTA SOBRE RISCOS DO DIABETES PARA A SAÚDE DOS OLHOS

**ALANA GANDRA - AGÊNCIA BRASIL/
RIO DE JANEIRO**

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/>

As sociedades brasileiras de Diabetes (SBD) e de Retina e Vítreo (SBRV) se uniram à Allergan, da empresa biofarmacêutica global AbbVie, na campanha nacional “Abra os Olhos: O Diabetes pode levar à cegueira. Consulte um especialista. Você pode mudar esta história”. O objetivo é alertar a população sobre os riscos do diabetes para a saúde dos olhos. A campanha ganhou maior visibilidade no domingo (14), quando foi comemorado o Dia Mundial do Diabetes.

Segundo disse à Agência Brasil, o médico oftalmologista especialista em retina Fernando Malerbi, membro da Comissão de Telemedicina e Terceiro Setor da SBRV e do Departamento de Doenças Oculares da SBD, no diabetes, o tempo de doença e a falta de um bom controle clínico, levam à possibilidade de diversas complicações em alguns órgãos alvo. “E o olho é um desses órgãos alvo, assim como os rins e os nervos”.

Alterações

Segundo explicou Malerbi, a doença ocular diabética não se restringe à retinopatia. Existem alterações na córnea, que é a parte transparente do olho, também relacionadas ao diabetes; alterações ligadas à catarata; e, inclusive, alterações de grau de óculos vinculadas à flutuação glicêmica (açúcar no sangue). Mas a retinopatia é a que mais gera preocupação porque é a causa que mais pode levar à cegueira, que é a perda irreversível da visão na fase tardia. “Se ela for detectada e tratada a tempo, não necessariamente leva a essa perda visual”, destacou o oftalmologista.

Informou que existe uma fase do diabetes em que a pessoa não tem nenhuma alteração no fundo do olho. Mas se ela continuar um tempo com a doença fora de controle, a retinopatia diabética vai começar a aparecer no fundo do olho. No início, pode não causar nenhum sintoma ou apenas sintomas leves e pode ser revertida com controle clínico do diabetes ou até com alguns controles próprios do olho, como laser e alguns medicamentos. Malerbi advertiu, porém, que com o

passar do tempo, se o controle for ruim ou houver falta de atenção adequada à retina, a doença vai se instalando progressivamente, de maneira mais grave, até chegar a um ponto em que o dano é irreversível. “A pessoa perde a visão”.

Dados da Organização Mundial da Saúde (OMS) revelam que cerca de 146 milhões de pessoas no mundo têm algum grau de retinopatia diabética. O diabetes é uma das principais causas de cegueira em pessoas em idade produtiva, entre 20 aos 60 anos de idade, em países desenvolvidos em que essa questão é bem mapeada. De acordo com o Ministério da Saúde, o Brasil tem cerca de 7,4% da população com diabetes, em pessoas em idade produtiva. Segundo a SBD, cerca de 90% dos casos poderiam ser evitados, com diagnóstico precoce e tratamento adequado. Levantamento da Agência Internacional de Prevenção da Cegueira (IAPB, do nome em inglês) de 2020 indicava a existência no Brasil de quase 30 milhões de pessoas com algum tipo de perda de visão, dos quais 1,8 milhão são cegos.

Segundo Fernando Malerbi, o que define o risco da pessoa desenvolver uma retinopatia diabética é o tempo de duração da doença. “A partir do momento que a doença começa, começa a contar como se fosse um cronômetro. O tempo da doença fora de controle é que constitui o principal fator de risco”. Afirmou que o indivíduo pode ter décadas de diabetes e não necessariamente ter lesão na retina, se tiver um bom controle clínico, “que é o que a gente espera e recomenda”.

Cegueira evitável

O oftalmologista sustentou que a retinopatia diabética é a principal causa de cegueira evitável. “Ou seja, aquela cegueira que, tomadas medidas adequadas, não precisa ocorrer. Se você tem um sistema de saúde que permite ao paciente ter um bom controle e conhecimento da doença, ele conhecer os fatores que promovem um melhor controle, e acesso ao exame do olho, ao diagnóstico”. Deixou claro que se o indivíduo fizer esse exame precoce, no começo, na fase silenciosa da doença, pode ser que já sejam detectadas alterações no fundo do olho que indiquem necessidade de tratamento. Nessa fase, ele pode reverter ou estacionar a doença, “se isso for feito a tempo”. Advertiu que na fase mais avançada da doença, nem mesmo cirurgias oculares conseguem devolver a visão.

Fernando Malerbi informou que as sociedades médicas têm entre suas diretrizes a questão do exame nos pacientes com diabetes, que deve ser feito, pelo menos uma vez por ano, de maneira geral. Com a Pandemia do novo Coronavírus e as restrições de mobilidade, muitos pacientes deixaram de fazer exames periódicos com medo de contrair a Covid-19. “Muitos pacientes, no Brasil, não sabem que têm diabetes. Estima-se que a cada dois pacientes, um não sabe que tem diabetes”. O segundo problema é que, mesmo aqueles que têm a doença desconhecem que é preciso fazer exame oftalmológico anual. Com a retomada das atividades, percebe-se que muitos pacientes deterioraram a situação da retina, informou o especialista.

No Brasil e em outros países, outro problema se soma a esses, que é o acesso limitado a esse tipo de ação diagnóstica e ao tratamento. Malerbi disse, ainda, que o exame diagnóstico pode ser feito com o médico oftalmologista e, na ausência desse especialista, com algumas alternativas, entre as quais fotografia da retina ou retinografia. “Essas fotos são uma boa maneira de detectar a doença”, indicou.

“A retinografia é capaz de determinar se a pessoa tem uma alteração significativa ou não. Aqueles que não têm já deixam de fazer parte da fila de agendamentos, especialmente no Sistema Único de Saúde (SUS), de maneira que ele consiga priorizar aqueles que têm uma alteração que já é detectada ou suspeitada pela fotografia, no sentido de que cheguem com mais agilidade no especialista e, se for o caso, consigam tratar de maneira mais ágil”. Fernando Malerbi afirmou que se esses pacientes chegarem muito tarde, “não adianta detectar lá na frente porque o tratamento não será mais eficaz”.

IVAN MARTHINS
O Ficozeiro da Bahia

☎ 99993-1812 vivo
☎ 99200-1316 TIM

NÃO JULGUE
QUEM TESTOU
POSITIVO
PARA A COVID-19

- Ligue
Mande mensagem de apoio
- Ofereça ajuda
- Não faça do preconceito uma dor a mais.
- Seja a mão estendida para quem enfrentou ou enfrenta um momento difícil.

Apoio:
22 anos **Jornal do Sudoeste** Apenas a verdade.
aj Agência Sudoeste

ARTIGO



POR WAGNER BALERA

* WAGNER BALERA É PROFESSOR TITULAR DE DIREITO PREVIDENCIÁRIO E DE DIREITOS HUMANOS NA FACULDADE DE DIREITO DA PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO (PUC-SP), LIVRE-DOCENTE EM DIREITOS HUMANOS, DOUTOR EM DIREITO DAS RELAÇÕES SOCIAIS, AUTOR DE MAIS DE 30 LIVROS NA ÁREA DE DIREITO PREVIDENCIÁRIO E DE MAIS DE 20 LIVROS DA ÁREA DE DIREITOS HUMANOS E SÓCIO FUNDADOR E TITULAR DO ESCRITÓRIO BALERA, BERBEL & MITNE ADVOGADOS.

A QUILOMÉTRICA FILA DE ESPERA DOS BENEFÍCIOS PREVIDENCIÁRIOS E ASSISTENCIAIS

Com o pomposo nome de Programa de Gestão do Atendimento Presencial (PGAP), o INSS intenta, sem sucesso, pôr fim às filas de espera dos benefícios. Tudo pode não passar de outra manobra diversionista.

Consoante os dados oficiais, há algo como 1,8 milhões de segurados que esperam o deferimento dos benefícios básicos - aposentadoria, pensão por morte e auxílio por incapacidade (o antigo auxílio-doença). E o que se assinala como mais grave, por atingir diretamente os mais pobres, são mais de 600.000 pessoas idosas ou com deficiência que aguardam o resultado do pedido de Benefício de Prestação Continuada (BPC).

Notem bem! Não foi erro de digitação. Quase dois milhões e meio de pessoas estão sem resposta ao pleito de prestações de natureza alimentar!

Talvez por ser desconfiado, sempre pensei que isso é algo propositado. Cada benefício que deixa de ser pago é parte integrante de certo jogo protelatório que faz sobrar mais e mais dinheiro em caixa. E como sempre brandem o surrado tema do déficit da previdência social, os gestores se sentem tranquilos. Parecem acreditar que denegando, pela omissão, direitos subjetivos, deixam de agravar a dramática situação financeira do sistema.

É extremamente estranho que nunca ninguém tenha pensado em chamar à responsabilidade aqueles que dirigem a instituição. Haverá, decerto, desculpas despidas de nenhum valor, mas ninguém terá como contornar o princípio constitucional da eficiência dos serviços públicos.

Intentemos alguma explicação.

O tema não é novo. Certa feita, há quase vinte anos, uma emissora de televisão me convocou para, um pouco antes das seis da manhã de um dia de semana qualquer, comparecer às portas da agência da previdência social num bairro da zona oeste de São Paulo. É que lá, como em quase todas as partes, a distribuição de senhas se tornara um rentável serviço. Alguém que foi entrevistado nos contou que chegava às oito da noite do dia anterior, dormia no local, ao relento, e de manhã obtinha a senha que repassava a alguém por certa quantia.

A primeira explicação, que vem desde então, é o notório sucateamento da máquina administrativa, agravada com o desligamento por aposentadoria ou morte dos servidores. Ademais, a estrutura física, e mesmo os equipamentos, sempre e sempre se mostram aquém dos avanços tecnológicos que bem poderiam resolver esse problema de pessoal mediante procedimentos automatizados de concessão das prestações.

Convém lembrar que quem respondia pelas despesas administrativas e da máquina estrutural era a União. O dinheiro da previdência social não deveria pagar essa conta. Mas, hoje em dia, até esse custeio é rateado entre todos os contribuintes.

Imagine, por instantes, a dimensão espacial dessa monumental fila, considerada a distância regulamentar de um metro entre uma pessoa e outra! Será que, se enfileirados em dado momento e, como na caminhada do povo hebreu rumo à terra prometida, fossem recebidos pelo Todo Poderoso, o que este diria ao Moisés de plantão? “Eu ouvi os clamores do meu povo e desci para libertá-lo.” (Ex. III, 7).

Seja o porta-voz desses que não têm voz. E reclame por eles ao Moisés de plantão.

OBSERVAÇÃO: Os artigos publicados não traduzem a opinião do Jornal do Sudoeste. Sua publicação tem como objetivo estimular o debate de ideias no âmbito político, cultural, científico e social.

SAÚDE



(FOTO: @CENTRALDOCERRADO.ORG)

Cientistas aproveitam o pequi como anti-inflamatório e protetor solar

Unesp encontra forma criativa e sustentável de aproveitar fruto

LEANDRO MARTINS - RÁDIO NACIONAL/BRASÍLIA *

Muitos cosméticos são produzidos a partir de matérias-primas naturais, que estão disponíveis a baixo custo e sem agredir o meio ambiente. E ainda ajudam a movimentar a economia e ajudar pequenos produtores. É o caso do pequi, muito utilizado na culinária no cerrado brasileiro, principalmente pela população de Goiás. Além da alimentação, o óleo de pequi, extraído da polpa e da amêndoa do fruto, já é utilizado na indústria farmacêutica e de cosméticos. Mas, o que sobra do pequi após esse processo, equivalente a 90% do fruto, geralmente é descartado, gerando um desperdício de centenas de toneladas por ano.

Isso, no entanto, pode mudar. Pesquisadores da unidade de Assis da Universidade Estadual Paulista (Unesp), encontraram uma forma criativa, sustentável e barata de aproveitar essa matéria-prima natural. Em estudos que começaram em 2016, os cientistas desenvolveram dois novos produtos a partir dos resíduos da fruta: Um creme anti-inflamatório e um protetor solar com propriedades antioxidantes, capazes de retardar o envelhecimento da pele.

A professora da Unesp em Assis, Lucinéia dos Santos, cita as vantagens dessa descoberta e destaca benefícios que o aproveitamento das sobras do pequi vai proporcionar. Segundo ela, além dos benefícios no campo da cosmética, a economia social das famílias que dependem do fruto também pode melhorar com o aproveitamento desse material de forma sustentável.

Ainda segundo a pesquisadora, os produtos desenvolvidos com o resíduo do fruto apresentaram resultados promissores em testes farmacológicos.

As novidades já foram patenteadas pela Agência Unesp de Inovação e aguardam aprovação da Anvisa para serem comercializadas.

* COM A COLABORAÇÃO DE BEATRIZ EVARISTA

Engenheiro com paralisia cria dispositivos para deficiência física

Dispositivos são mouse, editor de texto e escrita sem teclado

LUDMILLA SOUZA - AGÊNCIA
BRASIL/SÃO PAULO

<https://agenciabrasil.abc.com.br/>

Os obstáculos sempre estiverem presentes na vida do engenheiro da computação Junior Prado, de 31 anos. Ele nasceu com paralisia cerebral e, com o apoio do pai, conseguiu aos poucos se adaptar aos estudos. As dificuldades o incentivaram a ajudar pessoas com deficiência motora a enfrentar as mesmas barreiras. Recém formado em mestrado, no curso de Engenharia Elétrica e de Computação, no Campus da Universidade Federal do Ceará (UFC) em Sobral, Júnior Prado desenvolveu três dispositivos que melhoram a vida de quem tem deficiência motora e, assim, possibilitam a independência no uso do computador.

Prado descreveu a maneira como a vida escolar o motivou a desenvolver projetos. “As escolas não aceitavam pessoas com deficiência, na época. Meu pai tentou várias delas, e acabaram indicando a Apae de Sobral. Na triagem, a médica disse que, no meu caso, não seria interessante estudar lá. Eu poderia receber atendimento médico nas áreas de fonoaudiologia, fisioterapia e terapia ocupacional, porque o meu sistema cognitivo não tinha sido afetado. Assim, eu deveria ter aulas em escolas regulares. Meu pai voltou a tentar e conseguiu me matricular em uma escola particular pequena e eu comecei a estudar com 8 anos de idade, depois que fiz uma cirurgia e aprendi a andar.”

O engenheiro disse que passou por muitas dificuldades durante a vida escolar porque não conseguia escrever. Ele contava com a ajuda dos colegas para fazer anotações durante as aulas. As provas eram feitas oralmente. “Os professores sempre tiveram que adaptar minhas necessidades, eu sempre quis mostrar que era capaz de fazer a mesma avaliação que os outros, porém de maneira adaptada. Então, algumas avaliações eram ditadas.”

Pensando nas dificuldades, o engenheiro elaborou, junto a equipe do Grupo de Tecnologias Assistidas e Educacionais (TAE), do campus da Universidade Federal do Ceará (UFC), em Sobral, os três novos dispositivos, que têm como vantagem o baixo custo. As peças estão em fase de aperfeiçoamento e Júnior já mira as perspectivas de comercialização.

► **Engenheiro Júnior Prado apresenta o AdaptMouse versão 3.0 na Demo Day, última fase dos Corredores Digitais edição 202/2021.**

(FOTO: JÚNIOR PRADO/ARQUIVO PESSOAL)



Dispositivos

Foi na graduação que o engenheiro pensou em desenvolver o AdaptMouse. “Estava desenvolvendo um trabalho na Apae de Sobral. É interessante dizer que eu tive o primeiro contato com a Apae quando eu era pequeno, e depois voltei como professor. Passei cerca de 10 anos desenvolvendo trabalhos e um projeto de inclusão digital.

“A Apae recebeu um incentivo financeiro para montar um laboratório equipado com produtos adaptados. Mas não tinha o produto para ser comprado no Brasil, então os produtos foram importados por valores altos, totalmente inviáveis para um usuário comum.”

Ao analisar o mouse importado, Júnior teve a ideia de desenvolver algo semelhante com custo menor. A nova tecnologia beneficia pessoas com mobilidade reduzida nos membros superiores, como as que têm paralisia cerebral. Em 2019, o projeto ganhou a competição Maker Challenge, do governo do Ceará, recebendo um ano de incubação gratuita no Parque de Desenvolvimento Tecnológico (Padetec).

“Ainda na graduação consegui desenvolver o primeiro protótipo do mouse adaptado. Esse protótipo atendia as mesmas funcionalidades do mouse importado, com algumas funções extras que o outro não tinha. Terminei a graduação e, logo em seguida, ingressei no curso de mestrado em engenharia elétrica e computação. Segui os estudos a respeito de tecnologia assistida, que na época ainda era um tema novo no meio científico e aí fomos aprimorando os conhecimentos”.

O projeto de pesquisa do mestrado foi desenvolver uma interface, de acordo com Júnior. “Através do uso de sinais eletromiográficos, que são sinais produzidos pela contração e relaxamento muscular, os sinais são captados por eletrodos e o sistema consegue identificar qual foi o movimento realizado, apenas pelas características dos sinais e ele traduzia em uma ação do computador. Na ocasião, o sistema controlava um edição de texto. Através de quatro movimentos de mão, o usuário conseguia usar o editor para escrever palavras e dados.”

Em paralelo a essa interface, ainda no mestrado, ocorreu o aprimoramento do AdaptMouse. “Foi feita uma modelagem em 3D e ele foi produzido usando uma impressora 3D. Essa foi a versão 2.0. Atualmente estou coordenando um laboratório Maker, desenvolvemos vários tipos de tecnologia e dentre elas as tecnologias assistidas”.

Atualmente, o laboratório coordenado por Prado está desenvolvendo a versão 3.0 e a versão 4.0 desses dispositivos. “O intuito do projeto é que consiga sair de fato um produto que venha a compor o mercado nacional e que chegue a tantos usuários com deficiência que necessitam de um dispositivo que consiga fazer essa interação dele com o computador”, afirmou.

Perspectivas

O projeto de mestrado, com a interface usando sinais eletromiográficos, tem o propósito de continuidade, explicou o engenheiro. “O projeto eletromiográfico para aplicação desse mesmo sistema para controle de outras máquinas: imagine uma pessoa que perdeu uma mão, um braço, através de sinais musculares de outras partes do corpo poder fazer a movimentação a partir de reconhecimento do sinal. Uma outra possibilidade para uma pessoa tetraplégica seria, através do reconhecimento de sinais ópticos, controlar um ambiente. Tudo isso são projetos que, com certeza, ajudarão muitas pessoas”, acredita o engenheiro.

Atualmente, o AdaptMouse está sendo desenvolvido no laboratório do Instituto Cearense de Tecnologia (Icetel). Essa última versão conta com um programa de inovação Corredores Digitais, voltado para o desenvolvimento de empresas, produtos e negócios em áreas estratégicas da economia do Estado do Ceará.

Apoiado em conhecimento científico, tecnológico e de mercado, o programa atende a projetos inovadores em diferentes fases, de ideação à expansão de mercado.

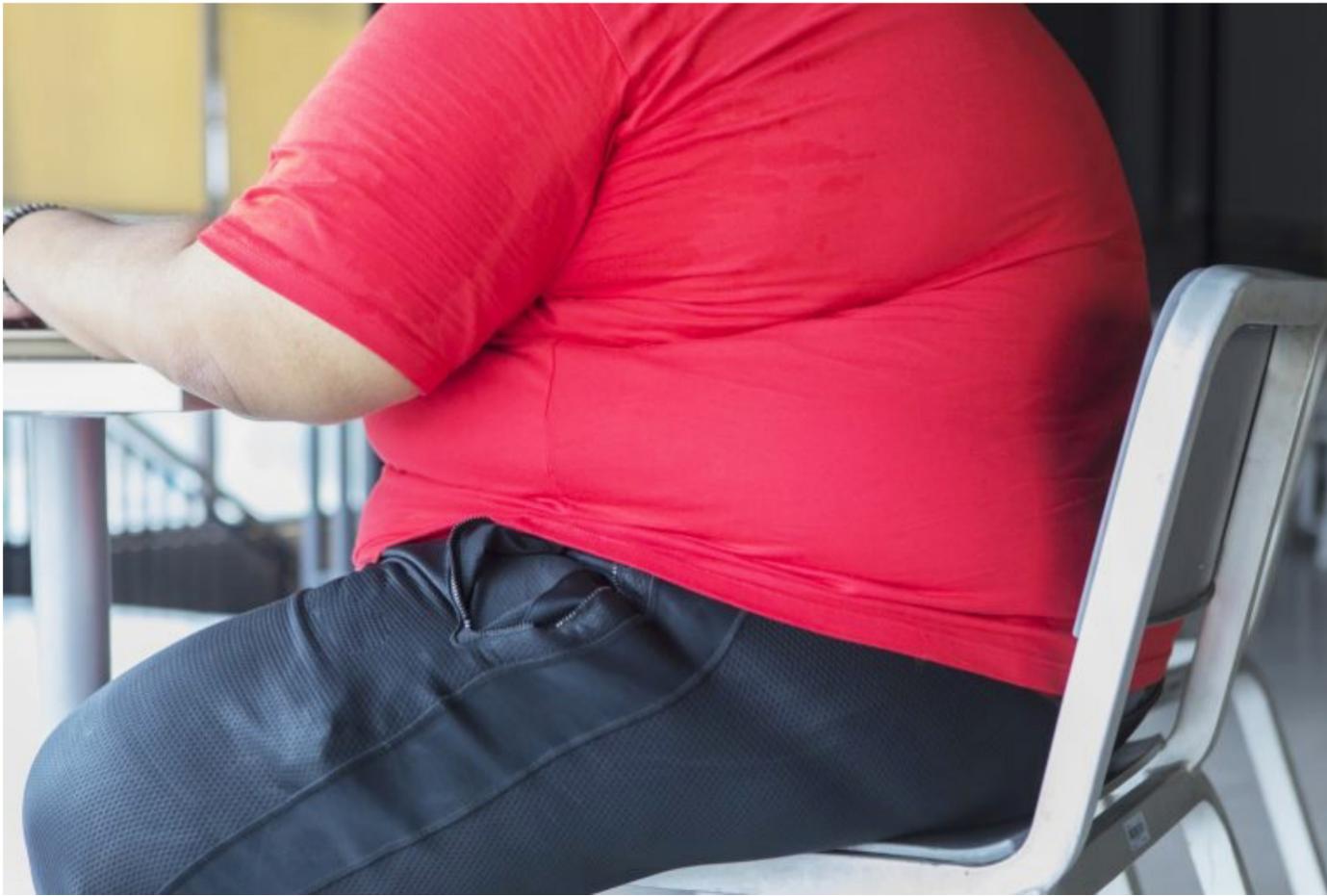
“Neste projeto, atuo como coordenador do laboratório e a equipe composta por dois estagiários, Alexandre Magno e o Joel Carneiro, estudantes de graduação de mecatrônica, que desenvolvem a última versão, que foi uma das finalistas da primeira edição do programa Corredores Digitais, em 2020 e 2021”.

Digital Total

ASSINE AGORA

www.jornaldosudoeste.com

PRECONCEITO ATÉ COM UM OLHAR: LEGISLAÇÃO PARTICIPATIVA DISCUTE A GORDOFOBIA



(FOTO: JÚNIOR PRADO/ARQUIVO PESSOAL)

► Gordofobia é o preconceito contra pessoas acima do peso.

**ASCOM - COMISSÃO DE
LEGISLAÇÃO PARTICIPATIVA/
CÂMARA DOS DEPUTADOS**

<https://www.camara.leg.br/>

A Comissão de Participação Legislativa da Câmara (CLP) discutiu, em audiência pública, na sexta-feira (12), o preconceito e os problemas enfrentados pelas pessoas gordas. O debate foi sugerido pelos deputados Waldenor Pereira (PT-BA), presidente do colegiado, Paulo Teixeira (PT-SP.)

A gordofobia – discriminação contra uma pessoa por causa do peso dela – é um preconceito que não é novo, mas tampouco debatido. No Brasil, não existe lei específica para punir quem pratica gordofobia. Porém, a Constituição Federal tem como princípios fundamentais proteger a dignidade de qualquer pessoa.

O deputado Paulo Teixeira lembrou que o tema apareceu nacionalmente com a morte da cantora Marília Mendonça. Um artigo publicado pelo jornal Folha de São Paulo chamou a sertaneja de “gordinha”, afirmou que ela “brigava com a balança” e informa que, após emagrecer, a cantora “se tornou também bela para o mercado”. Já o apresentador da TV Globo, Luciano Huck lamentou o falecimento da artista “logo agora que ela estava magrinha”.

“Os padrões são para poucos, de uma sociedade para poucos. Esse tipo de fobia é violento e desumano. Queremos uma sociedade de respeito, inclusão, democrática, onde ninguém, seja discriminado pela cor, gênero ou tipo de corpo”, afirmou o deputado.

Estatística

Conforme a Pesquisa Nacional de Saúde, divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística em 2020, 60,3% dos brasileiros com 18 anos ou mais, cerca de 96 milhões estavam acima do peso em 2019. O estudo também mostrou que a proporção de obesos na população com 20 anos ou mais no País passou de 12,2% para 26,8% entre 2003 e 2019

Já uma pesquisa do Grupo Catho de 2005, que divulga online currículos e vagas, feita com 31 mil executivos, mostrou que 65% dos presidentes e diretores de empresas tinham alguma restrição na hora de contratar pessoas gordas. Esse tipo de discriminação é vedado pela lei. Ainda de acordo com dados do estudo, o mercado pagava melhor aos magros.

Outro levantamento, feito pela Skol Diálogos em 2017, junto com o Instituto Brasileiro de Opinião e Estatística (Ibope), mostrou que 92% dos brasileiros admitiram sofrer com gordofobia no convívio social.

Ausência do governo

O Ministério da Saúde foi convidado, mas não enviou representante, justificando que “o tema não está relacionado a políticas deste ministério, razão pela qual não indicamos representante”.

Para o presidente da CLP é lamentável essa postura de não participar. Uma posição que se repete sempre que é convidado a participar. “Um governo negacionista que não cuida do povo brasileiro com as devidas políticas públicas”, criticou Waldenor Pereira.

► **Deputado Waldenor Alves Pereira Filho (PT/BA), presidente da Comissão de legislação participativa da Câmara dos Deputados.**



(FOTO: REPRODUÇÃO).

O preconceito que gera lucro

Ale Mujica Rodriguez é médica, transfeminista e ativista pela descriminalização do aborto. Para ela, a ausência do Ministério da Saúde no debate é uma demonstração de gordofobia como se “o governo não se importasse”. Ela contextualizou esse preconceito.

“Com o crescimento do capitalismo, a magreza se tornou o estereótipo de beleza e o ideal a ser alcançado. As classes altas se distinguiram da classe trabalhadora adotando o ideal de magreza, que depois seria adotado pelas classes média e baixa. A indústria farmacêutica do emagrecimento e do dito saudável movimentava cerca de R\$ 35 bilhões por ano, só a venda destes produtos atingiu R\$ 100 milhões no ano passado. Além disso, o país está em quinto lugar na realização de cirurgias bariátricas. Em 2019 foram 68.530 procedimentos. O corpo gordo é continuamente apresentado como algo falso que não deveria existir, que precisa ser tutelado. Assim, é desumanizado e perde o status de sujeito de direitos”.

Para Keit Lima, da Marcha das Mulheres Negras (SP) a gordofobia é um problema institucional. Ela considerou que vivemos um falso discurso de saúde onde se deve eliminar os corpos gordos.

“Estamos há algum tempo tentando ser ouvidas para que nossos direitos básicos sejam respeitados. A nossa luta é por humanidade. Diariamente a gordofobia nos afeta, nos tira direitos. Saudável não é sinônimo de magro. Todos os corpos podem estar doentes e qualquer corpo merece acesso à saúde pública de qualidade”, disse Keit.

“Em um mundo pouco adaptado a corpos gordos e em uma sociedade que institucionaliza o preconceito contra os donos desses corpos, enfrentar o cotidiano traz desafios de diversas naturezas, dos mais simples aos mais complexos. Do transporte público, escritórios, restaurantes, sem falar no pior, que vão ser alvo de piadas”, afirmou a deputada Erika Kokay.

Patologização

Vanessa Joda, professora de yoga, estudante de educação física, do corpo gordo e da cannabis, criou em 2016, o projeto Escola Yoga Para Todes, pediu que as pessoas gordas não sejam mais patologizadas, chamadas de obesas.

“Isso significa doença. Ninguém fala de doenças de pessoas magras. A medicina erra, patologiza os corpos. Já colocou homossexuais e transexuais como doentes e corpos pretos como pessoas sem alma. Está errando de novo com relação às pessoas gordas. Para irmos ao médico precisamos nos preparar psicologicamente porque vamos escutar todo tipo de violência. Os diagnósticos são cheios de preconceitos até com um olhar”.

* A ÍNTEGRA DA AUDIÊNCIA PÚBLICA, EM ÁUDIO E VÍDEO, ESTÁ DISPONÍVEL NA PÁGINA DA CLP NO SITE DA CÂMARA DOS DEPUTADOS.

Audiência Pública avalia metas do Plano Municipal de Educação



► Audiência Pública realizada na Câmara Municipal discutiu a avaliação e monitoramento do Plano Municipal de Educação.

DA REDAÇÃO

redacao@jornaldosudoeste.com

A Prefeitura Municipal de Carinhanha, através da Secretaria Municipal de Educação, realizou no último dia 11, na Câmara Municipal, Audiência Pública para apresentação do resultado do monitoramento e avaliação do Plano Municipal de Educação.

O Plano Municipal de Educação é um planejamento realizado com a participação do Governo e da sociedade civil, que define propósitos para a Educação do município para os próximos dez anos. O PME é um documento que apresenta objetivos e ações propostas a curto, médio e longo prazo para o município de Carinhanha, sendo direcionado aos campos da Educação Infantil, Ensino Fundamental – Alfabetização até o 3º ano, Educação Integral, Inclusiva e Profissionalizante e Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Em sua intervenção, durante a Audiência Pública, a prefeita Francisca – Chica do PT – Alves Ribeiro (PT), reforçou o compromisso da gestão com a Educação apontando a importância do Governo Municipal e sociedade civil se unirem em torno das propostas do PME. A gestora destacou o trabalho desenvolvido pelos profissionais da Educação que se dedicam pela melhoria da qualidade do Ensino público no município.

A prefeita classificou como decadentes, embora ressaltando as ações desenvolvidas pela Administração Municipal, as 29 Unidades da rede pública municipal de Ensino, prometendo desenvolver todos os esforços necessários e viabilizar os investimentos exigidos para melhoria das estruturas físicas, merenda escolar, capacitação dos educadores e outras ações estruturantes, tendo como meta reverter o quadro atual e avançar na oferta de uma Educação de qualidade. A expectativa da prefeita Francisca – Chica do PT – Alves Ribeiro (PT) é, até o final da gestão, transformar a Educação de Carinhanha, avançando no Índice de Desenvolvimento da Educação (Ideb) e transformando-a em referência no Estado.

Participaram da Audiência Pública, além de membros do primeiro escalão do Governo Municipal, profissionais da Educação lotados na Secretaria Municipal de Educação, pais e alunos da rede pública municipal de Ensino, vereadores e representantes de segmentos da sociedade civil organizada.



www.jornaldosudoeste.com

A cor mudou, mais o
recado é o mesmo!

Menos rótulos
Mais prevenção

CUIDE-SE



23 anos
Jornal do
Sudoeste
Apenas a verdade.



Agência Sudoeste

Nova onda de Covid-19 na Europa e na Ásia deve servir de alerta para o Brasil

BOLETIM
Observatório Covid-19

Atualizado em 14 de outubro a 6 de novembro de 2021

43 e 44

Intógrico: <http://info.gripe.fiocruz.br/Monitora-Covid19> | <https://gripedata-covid19.kid.fiocruz.br/>



Os dados recentes indicam a manutenção da tendência geral de queda dos indicadores que vêm sendo monitorados pelo Observatório Covid-19 Fiocruz. Entretanto, deve-se destacar que a pandemia não acabou, e o risco de recrudescimento permanece, como destacado no Box "Alerta da OMS na Europa e Ásia Central deve servir de exemplo para o Brasil". A mensagem é importante, considerando os possíveis efeitos de medidas de flexibilização combinadas com a proximidade da temporada de festas e de férias.

Os registros de casos por Síndromes Respiratórias Agudas Graves (SRAAG) no país mantêm-se, de forma geral, em níveis altos, ainda que em estabilidade nas últimas semanas epidemiológicas. A tendência de declínio está desacelerando e alguns estados apresentam ligeiro aumento, enquanto outros mantêm a redução da incidência. Para os casos e óbitos por Covid-19, observa-se um quadro similar de redução dos indicadores, com oscilações em alguns estados, que também podem estar associadas a problemas no fluxo de dados. Com relação ao perfil demográfico, os registros demonstram que os casos graves, internações e óbitos estão concentrados entre os idosos. As taxas de ocupação de leitos de UTI Covid-19 para adultos no SUS mantêm-se em níveis predominantemente inferiores a 50% no país, com apenas um estado e três capitais na zona de alerta intermediário.

A tendência geral de queda dos indicadores relacionados à Covid-19 tem como principal fator neste momento o crescimento da cobertura vacinal na população, com mais de 304 milhões de doses de vacinas administradas, com 72,9% da população do país com a primeira dose e 53% da população com o esquema de vacinação completo. Neste momento é fundamental tanto orientar a população para completar os esquemas vacinais com as segundas doses e as doses de reforço como implementar novas estratégias para alcançar pessoas em localizações mais remotas do país, e pessoas ainda resistentes

à aplicação das vacinas. Neste contexto incluímos o Box "Practicas para lidar sobre a primeira dose da vacina".

É importante ressaltar que a vacinação é uma responsabilidade individual e coletiva, que deve ser apoiada e viabilizada por órgãos de governo e empresas, de forma que o aumento da cobertura vacinal possa proteger toda a população. Reforçamos, portanto, que é fundamental avançarmos ainda mais no processo de vacinação, o que demanda incluir estratégias de grande importância, como a exigência de comprovação de vacinação (o "passaporte de vacina") nos ambientes de trabalho, como destacado na Nota Técnica do GT Covid-19 nº 000201 do Ministério Público do Trabalho, Sobre cobertura vacinal como fator de proteção coletiva e do respeito aos direitos fundamentais dos trabalhadores e trabalhadoras no novo ambiente do trabalho.

Além disso, é importante destacar que a vacinação não bloqueia completamente a transmissão da doença, isto exige vigilância e alerta permanente, considerando as variantes que envolvem a circulação de variantes de preocupação, que podem ser mais transmissíveis ou de maior letalidade, além da possível perda de imunidade com o tempo decorrido das primeiras doses, o que exige o reforço, principalmente em idosos e portadores de doenças crônicas. Fica a isso, é importante ainda manter medidas de proteção coletiva e individual, como o uso de máscaras, higienização das mãos e distanciamento físico, principalmente em locais fechados.

Por fim, no âmbito do SUS, é necessário o reforço de ações de vigilância em saúde, a readaptação dos serviços de atenção à saúde, desde as unidades básicas até os hospitais especializados, de modo a diagnosticar e tratar oportunamente possíveis doenças graves de Covid-19, além dos que apresentam sequelas da infecção, bem como atender à demanda por atenção de outras doenças que vêm sendo adaladas.

1. <https://reps.mg.org/pt/boa/mg-covid-19-0-2021.pdf>

**REGINA CASTRO (AGÊNCIA FIOCRUZ
DE NOTÍCIAS)**

<https://portal.fiocruz.br/>

O Boletim Observatório Covid-19 Fiocruz, divulgado nesta sexta-feira (12/11), chama a atenção para o quadro recente da Pandemia na Europa e na Ásia Central, que vem registrando aumento de casos e óbitos mesmo em locais em que a cobertura vacinal já se encontra em patamares elevados. Diante deste novo cenário, o Boletim coloca em pauta o debate sobre a necessidade de manutenção das medidas de distanciamento físico e de proteção individual no Brasil e ressalta a desaceleração do ritmo de vacinação de primeira dose contra a Covid-19 no país.

A nova edição destaca ainda o alerta do diretor geral da Organização Mundial da Saúde (OMS) para a Europa e Ásia, emitido no início deste mês de novembro, sobre o novo aumento do número de casos e óbitos por Covid-19 registrados nesses continentes. Segundo a OMS, países da Europa e da Ásia Central estão vivendo o risco de recrudescimento da Covid-19. Na última semana de outubro, a Europa e a Ásia Central foram responsáveis por 59% de todos os casos e 48% dos óbitos registrados no mundo inteiro. Com quase 1,8 milhão de novos casos e 24 mil novas mortes relatadas, a Europa e a Ásia Central viram um aumento de 6% e 12%, respectivamente, em comparação com a semana anterior. Segundo a OMS, se for mantida esta tendência, essas regiões poderão registrar mais meio milhão de óbitos por Covid-19 até 1º de fevereiro de 2022, e 43 países enfrentarão novamente o risco de colapso nas capacidades de resposta dos seus sistemas de saúde. Os casos graves da doença têm se concentrado entre grupos não vacinados, especialmente em países com baixa cobertura vacinal.

Segundo os pesquisadores do Observatório Covid-19 Fiocruz, responsáveis pelo Boletim, embora os dados recentes no Brasil indiquem a manutenção da tendência geral de queda dos indicadores monitorados desde o início da Covid-19, é importante destacar que a Pandemia não acabou e que o risco de recrudescimento permanece com a proximidade da temporada de festas e de férias, com maior circulação e concentração de pessoas em diversos ambientes.

Na visão dos cientistas, o sucesso na mitigação da Pandemia requer o aumento da cobertura vacinal, mas isso não exclui as demais estratégias. Eles questionam as iniciativas de abandono de medidas, ocorridas recentemente no país, especialmente a liberação do uso das máscaras e o relaxamento da recomendação de distanciamento físico. “Isto se dá não só pela baixa adesão da população, mas, especialmente, pela falta de incentivo da gestão governamental para sua adoção”, destacam. De acordo com o Boletim, é fundamental alcançar o patamar de 80% de cobertura vacinal completa da população total – que hoje é de 55%, ainda distante do patamar considerado ideal.

“Esta ausência de distanciamento físico inclui formas distintas de aglomeração, desde o transporte público a atividades de comércio e lazer, nas quais há uma exposição prolongada de pessoas em espaços confinados”, observam os pesquisadores.

Cobertura vacinal e medidas de proteção

Na última semana, foi amplamente divulgado que o Brasil alcançou 70% de cobertura vacinal na população adulta. No entanto, de acordo com a análise, este não é o indicador mais adequado para a avaliação. A população de adolescentes é um dos grupos com maior intensidade de circulação nas ruas. “Por isso, é equivocado pensar que, apenas com a população adulta vacinada adequadamente, é possível a retomada irrestrita de hábitos que resultam na aglomeração de pessoas”.

Os pesquisadores reforçam que embora o avanço da cobertura vacinal no país venha trazendo benefícios inegáveis para a mitigação da Pandemia, não pode ser tratada como a única medida necessária para interromper a transmissão do vírus entre a população. “O relaxamento do distanciamento físico é inevitável agora, mas ele deve ser feito de forma responsável e segura. A recomendação é de que, enquanto caminhamos para um patamar ideal de cobertura vacinal, medidas de distanciamento físico, uso de máscaras e higienização das mãos sejam mantidas. E que atividades que impliquem na maior concentração e aglomeração de pessoas só sejam realizadas com comprovante de vacinação”.

Precisamos falar sobre a primeira dose da vacina

Outra questão estratégica abordada no Boletim é o da vacinação da primeira dose no Brasil, que vem desacelerando desde setembro e que, a partir de outubro, tem crescimento constante e próximo de zero, variando, num intervalo de 25 dias, entre 71,03 e 73,27% (um crescimento de 0,08% ao dia). Os cientistas informam que este é o momento em que a estagnação da curva de crescimento da primeira dose traduz a saturação populacional para a vacinação - a exemplo do que vem ocorrendo em outros países - e que tem trazido por consequência um ganho de casos novos nestes locais semanas após o diagnóstico desta saturação.

“Esta estimativa se refere à população total, já que as crianças ainda não estão incluídas nos critérios de elegibilidade para a vacinação. Elas respondem por aproximadamente 14% da população. “Temos a possibilidade de chegar a uma cobertura de 86% da população, somente considerando adolescentes e adultos, e não podemos considerar satisfatória uma estagnação em torno de 73%”. Para acelerar a imunização com a primeira dose, recomendam a adoção de novas estratégias, além da exigência do certificado de vacinas, capazes de alcançar pessoas em localizações mais remotas do país e assim como aquelas ainda resistentes à aplicação das vacinas.

Leitos de UTI para Covid-19, casos e óbitos pela enfermidade

As taxas de ocupação de leitos de UTI Covid-19 para adultos no Sistema Único de Saúde (SUS) obtidas em 8 de novembro apontam para a manutenção do indicador em patamares majoritariamente inferiores a 50% nas diversas Unidades da Federação. O único estado na zona de alerta intermediário é o Espírito Santo (63%), estando os demais e o Distrito Federal fora da zona de alerta.

As últimas duas Semanas Epidemiológicas (de 24 de outubro a 6 de novembro) mostram uma nova queda nos indicadores da transmissão da Covid-19. Foram notificados, ao longo da Semana Epidemiológica 44, uma média diária de 11.500 casos confirmados e 320 óbitos por Covid-19. Esses valores representam a redução do número de casos registrados (-1,3 % ao dia) e do número de óbitos (-1,9 % ao dia). Houve também uma redução da taxa de letalidade, que vinha se mantendo em patamares em torno de 3%, para um valor mais próximo aos padrões internacionais, de 2,4%.

Perfil Demográfico

A análise demográfica do Boletim desta quinzena traz comparações para o período entre a Semana Epidemiológica (SE) 1 (3 a 9 de janeiro) e a semana epidemiológica 43 (24 a 30 de outubro) de 2021. Os casos graves e fatais permanecem concentrados nas idades mais avançadas. A idade mediana dos pacientes internados, ou seja, a idade que delimita a concentração de 50% dos casos, chegou ao menor patamar, de 51 anos, entre a SE 23 (6 a 12/6) e a 27 (4 a 10/7). Na SE 43, a mediana foi de 67 anos.

Para as internações em UTI, no primeiro período, a mediana foi de 53 anos, e na SE 43, o patamar foi de 69 anos. Para os óbitos, a menor mediana, que foi de 58 anos, ocorreu entre a SE 21 (23 a 29/5) e SE 24 (13 a 19/6), e na SE 43, foi de 72 anos. As médias de idade nas internações, internações em UTI e óbitos na SE 43 foram, respectivamente, 61,3, 63,2 e 70,4 anos. Após o início da vacinação entre adultos jovens, a média e mediana de idade nos três casos – internações gerais, internações em UTI e óbitos – voltaram ao patamar superior a 60 anos.

Casos de SRAG

Os casos de Síndromes Respiratórias Agudas Graves (SRAGs) se mantiveram, de forma geral, em níveis altos, ainda que em estabilidade no país nas últimas semanas epidemiológicas. Após um declínio no número de casos de SRAG, nas últimas semanas a queda foi interrompida e a incidência de SRAG no país manteve-se em faixa entre 1 a 5 casos por 100 mil habitantes. Como apontado em boletins anteriores, esta interrupção ocorre em meio a um cenário em que alguns Estados apresentam ligeira tendência de aumento, ao passo que outros ainda mantêm redução da incidência.



Um banner de campanha com fundo amarelo e pontos vermelhos. À esquerda, uma imagem circular com uma mosca Aedes aegypti sobre uma pele humana. À direita, o texto principal em português. Abaixo, um botão vermelho e o logo do Jornal do Sudoeste.

Sempre é **HORA DE COMBATER** a Dengue

FAÇA SUA PARTE

Jornal do Sudoeste
Apenas a verdade.
Apoia essa campanha.



ANUNCIE

em NOSSO PORTAL



SUA MARCA MERECE **DESTAQUE**

*Tenha um
retorno
garantido*



Conheça os seis principais fatores que causam sangramento na gengiva

LILIANE PIRES – ASCOM
(MARKABLE COMUNICAÇÃO)

liliane@markable.com.br



(FOTO: RACOOOL STUDIO)

Se ao escovar os dentes ou passar o fio dental você notar que a gengiva começou a sangrar, saiba que isso não é normal e o ideal é procurar um dentista o quanto antes. São diversos os fatores que contribuem para o problema e quando este quadro ocorre, é um sinal de que há algo errado com o organismo ou que sua saúde bucal não está recebendo os devidos cuidados. Por isso, o dentista e fundador da Odontocompany, maior rede de clínicas odontológicas do mundo, Dr. Paulo Zahr, vai explicar os seis principais fatores que podem levar a essa ocorrência.

I. Gengivite

Trata-se da causa mais comum de sangramento nas gengivas. A doença se desenvolve por falta de higiene bucal e, além de provocar sangramento, apresenta vermelhidão, inchaço nos tecidos e até mesmo dores. Quando o paciente apresenta este quadro, os tecidos sangram apenas na hora de escovar os dentes e ao passar o fio dental. A boa notícia é que o problema é fácil de ser resolvido e uma boa higiene já é o suficiente. No entanto, vale ressaltar que quando há acúmulo de tártaro, o dentista deve ser consultado.

2. Periodontite

A periodontite é uma doença infecciosa e grave, que atinge tecidos e ossos que dão suporte aos dentes. Nesse caso, o sangramento ocorre mesmo que o paciente não esteja escovando os dentes ou usando o fio dental. A patologia é a evolução da gengivite que não foi tratada corretamente. Quando a doença avança, ela destrói os ossos responsáveis pela sustentação dos dentes, causando perda dentária. Além disso, se as bactérias presentes na infecção caírem na corrente sanguínea, o paciente desenvolve outras enfermidades, como problemas cardíacos.

3. Diabetes

É comum que pacientes diabéticos apresentem sangramentos nas gengivas, pois sofrem com a falta de coagulação no sangue, o que faz a gengiva sangrar. Por isso, é importante ter cuidado na hora da higiene bucal e usar apenas escovas de cerdas macias.

4. Força excessiva na hora da escovação

Há pessoas que pensam que para limpar os dentes é necessário colocar força na hora da escovação, mas esse hábito não só corrói o esmalte dentário como machuca os tecidos e causa sangramentos. Movimentos leves são suficientes para promover uma boa limpeza na boca, pois eles não causam traumas nos tecidos.

5. Deficiência de vitamina K

A vitamina K tem um papel fundamental para a coagulação sanguínea. Logo, sua falta no organismo pode ter associação com o sangramento nos tecidos gengivais. Por isso, é importante manter uma alimentação saudável e rica em nutrientes para a saúde do corpo.

6. Uso de medicamentos

Alguns medicamentos diminuem a produção de saliva e, conseqüentemente, deixam as gengivas mais enfraquecidas. Esse fator contribui com a proliferação de bactérias, que favorecem o sangramento. Então, se você faz uso de algum remédio e notou o problema, converse com seu médico.

Vale lembrar que, caso qualquer sinal não seja tratado, a doença pode evoluir e trazer conseqüências para o sorriso e para a saúde. As recomendações são cuidar bem da higiene bucal e consultar o dentista regularmente.

Explosão em Subestação I da Coelba deixou Brumado sem energia por mais de 15 horas

BRENDA RIOS

jornalismo@jornaldosudoeste.com

Uma explosão em um gerador, por volta das 2h da segunda-feira (15), causou um incêndio, logo controlado, com ajuda da chuva, na Subestação I da Companhia de Eletricidade do Estado da Bahia (Coelba), concessionária dos serviços de distribuição de energia elétrica do Estado, localizada na Avenida Coronel Santos/Rodovia BA-262 (Brumado/Vitória da Conquista). Em consequência da acidente, o fornecimento de energia elétrica chegou a ser interrompido por cerca de 15 horas na cidade. De acordo com a concessionária, as chuvas e ventos fortes no momento do acidente podem ter contribuído para o problema no gerador, mas ainda não há confirmação do que teria ocorrido. Com a explosão e o incêndio um clarão foi avistado de diversas partes da cidade.

Mais de cinquenta profissionais da Companhia e da empresa terceirizada que presta serviços na região, entre engenheiros e técnicos, foram mobilizados e atuaram na solução do problema desde o início da ocorrência, e por volta das 17h15, com a chegada de um gerador móvel, a totalidade dos clientes da sede municipal já haviam tido a energia religada. Segundo a concessionária, por volta das 19h, 100% dos clientes atendidos pela Subestação 1 de Brumado já estavam com o abastecimento normalizado.

► **A explosão seguida de incêndio de um gerador da Subestação da Coelba assustou os moradores de Brumado na madrugada da segunda-feira (15) e deixou o município sem energia elétrica por cerca de 15 horas.**

(FOTO: REPRODUÇÃO/REDES SOCIAIS).



(FOTO: REPRODUÇÃO/REDES SOCIAIS).



Se no momento da explosão e no combate ao incêndio que se seguiu, não houve qualquer registro de vítimas, durante os trabalhos de recuperação do sistema para restabelecimento do fornecimento de energia elétrica para a população, um dos técnicos da empresa terceirizada que presta serviços à concessionária, sofreu uma descarga elétrica e teve parte do corpo queimado, tendo sido prontamente encaminhado por uma Unidade do Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (Samu 192) para o Hospital Municipal Professor José Maria de Magalhães Neto, onde foi estabilizado e posteriormente transferido para Vitória da Conquista.

Segundo a concessionária, que lamentou o incidente, o colaborador encontra-se recebendo cuidados médicos e seu estado de saúde é considerado estável. A empresa reforça que está prestando todo o auxílio necessário para recuperação.

► **Com a chegada de um gerador móvel a situação foi normalizada e o fornecimento de energia elétrica a 100% da população brumadense normalizado no início da noite.**